

PROA DA PALAVRA¹

GROSSI, Maria Auxiliadora Cunha²

Pela cosmicidade de uma imagem recebemos uma experiência do mundo. A palavra traz em si essa cosmicidade da imagem. Mas ela ainda não foi descoberta por tantos, como um fruto genuíno da paixão. Paulo Leminsk disse que a paixão não está na moda. O que está na moda é a *palavra* paixão. Que a nossa época não é assim tão apaixonada e, se a gente está valorizando tanto isso aí é porque está faltando. A gente está vivendo uma época de sensação, não da paixão. Fixei-me nessas idéias, querendo pensar que lugar, então, ocupa a paixão.

A palavra, às vezes abandona o seu sentido, com uma sobrecarga demasiado pesada que impede o homem de sonhar. Ajudar, doar, entender, dialogar com pessoas que conhecemos e também que não conhecemos. Vemos o pulso pendular nas palavras, o circuito das veias percorrendo as entranhas do cimento concreto armado dos muros da cidade, a viscosidade negra do asfalto, resina mascada pelas rodas pesadas dos ônibus, carros, passos humanos. O verbo inflado nas tubulações internas da arquitetura urbana e da envergadura humana. Angulação de corpos tangentes nas esquinas, imolação exposta em paralelas incongruentes. Maquinarias e traçados inumanos aos quais a cada teorema, a cada sistema formal inconsistente, o homem se afeiçoa. Movimento inverso, avesso a esse concreto homem, mudo ciclone de magnólias.

Percebemos o tremor da terra abaixo de nossos pés, galerias e vácuos se apoiam no nada. Vertiginoso acúmulo de nadas. Frágeis estruturas metálicas, fibráticas, óticas. O temor da guerra e os quererem apoiados na vala das almas, estruturas também falíveis, claustrofóbicas, mórbidas.

Mas o homem quer se abrir ao mundo, acolhido movimento, acalento e alívio. A dádiva, a flor, o amor, o sorriso. Cápsulas combustíveis para a nave da alma. Como entender as imposturas, as omissões, os desvios e cruezas do olhar indiferente, dos obscuros lados, insensíveis laços, pretensos e falsos pactos? A palavra compacta pactua-se, encapsula-se, capta o homem na laçada do nó.

No âmago do homem poderá estar a palavra desconfinada, a pessoa que busca a confiança, a tolerância, o lastro em ouro da compreensão humana. A palavra liberta o homem num movimento monológico e ao mesmo tempo exterior e interior. Monológico no sentido de que é sempre dela que bebemos, matamos a fome verdadeira da paixão. A palavra constrói o espaço do poder, da possibilidade, de entender-se, de desculpar-se, de permitir-se. Matéria com a qual o homem faz negócio certo, sempre que fala por seu lado dentro. Pra fora ela coletiviza, abre, inverte sua

¹ Ensaio apresentado como trabalho final de curso para a disciplina *Tópicos de Epistemologia*, cursada no doutorado da Faculdade de Educação da USP.

² Profa. Ms. da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia.

seqüência , se pessoalfabetiza, vulnerável à indiferença e à (des) interação, à (des) integração da convivência. Seu átomo, líquido e incerto, é veloz na volúpia de suas partículas orientes: retrato da imprevisibilidade do amor, do tempo do amor, da potência do egoísmo, do egoísmo dos querer mundanos.

Dádiva das palavras. O que o dizer pretende mesmo dar? O poeta, diz Bachelard, para que a embriaguez seja perfeita, vai beber na taça do mundo. A metáfora já não lhe basta. Ele precisa da imagem , de momentos fugidios onde está a palavra, a imaginação, a memória, da zona da escuridão e das fugas do espírito. Momentos em que o poeta sonha, transforma, cria novas estruturas que favorecem um novo sentir, um novo ser e estar na linguagem nascida de uma mecânica primitiva como a dos moinhos e pilões manuais, pois este sentido da expressão anuncia-se desde o início da sua história.

Mas todos os homens, buscados em seu âmago, são poetas. Podem construir formas mais duradouras, estilos atentos às suas ações e atitudes cotidianas. Elas são a energia, o combustível que, a um tempo que não tem volta nem retorno, constrói a beleza ou a feiúra e, num átimo, muitas vezes se eternizam.

O que leva as pessoas a ficarem juntas? Poderíamos dizer: a palavra. O homem é sempre conduzido pela palavra timoneira. Ela poderá ser o próprio sentido do amor. E sempre que assim é, é geralmente porque a poesia ali está. Poderíamos também imaginar um outro caminho para mostrar às pessoas, por exemplo, que não há como procedermos à construção de um mundo, minimamente habitável, senão pela desmercantilização da própria palavra. Isto porque ela está servindo a axiomas ingênuos da vida: se eu acendi, eu devo apagar; se eu abri, eu devo fechar; se eu prometi eu devo cumprir. Poderíamos dizer, vamos deixar aceso por enquanto, quando o vinco, o vínculo ainda não foi formado; vamos deixar aberto por enquanto, quando ainda poderá passar o frêmito da vida; vamos manter a promessa, quando a sobrevivência torna-se uma meta nem sempre imediatamente cumprida.

As palavras, em nossas culturas eruditas, foram tão amiúde definidas e redefinidas, ordenadas com tamanha precisão em nossos dicionários, que acabaram se tornando verdadeiros instrumentos do pensamento. Perderam seu poder de onirismo interno. Assim pronunciadas, as palavras tornam a vida mercantil. Acabamos comprando, e por um preço muito alto, estes *sprays* travestidos de perfumes. Mas a palavra poética é rebelde à transformação em mercadoria. Porque as palavras se amam. É certo também que os poetas amam as palavras, assim como as palavras amam os poetas. Mas amor não se vende. É empreendimento sem cotização. E, se na argamassa da palavra está o amor, a beleza, o sentimento de mundo, aí ela se torna inegociável. Estamos presos à fatalidade de nossos discursos. A palavra tem sido moldada no quotidiano de nossas relações, como

um objeto impregnado de preocupações utilitaristas que facilitam a redução ou a simplificação dos sentidos, como um mero exercício de transferências de informação.

A cultura, nesse sentido, está ameaçada pois a palavra é tratada como mera função para o processo vital da comunicação. Nesta funcionalização é praticamente indiferente saber o verdadeiro conteúdo do que se busca conhecer, pois a palavra é adotada por um pragmatismo implícito em uma ideologia. A ideologia das necessidades. Utiliza-se a linguagem como pista, como instrumento para decifrar, para codificar, como uma verdade em si, descartada do dialogismo, das significações. E assim, o mundo passa a ser lido com um olhar exilado que negativamente significa a denúncia do mito e da superstição. A linguagem simbólica, que é uma língua onde o mundo exterior é um símbolo do mundo interior, um símbolo de nossas almas, de nossa sensibilidade, torna-se uma linguagem que não encontra ressonância nos processos de percepção que vamos realizando nas experiências cotidianas, deixando um profundo vazio nessa relação intrínseca que há entre o símbolo e a representação.

A palavra poética ultrapassa os limites da linguagem, ela faz girar os saberes. Não fixa. Não fetichiza nenhum deles e lhes dá um lugar indireto. É preciso que o homem ame o homem pela descoberta da palavra, como um condimento/conhecimento, como água para chocolate, oportunidade, valor de laço, diluição temporal. Desde que nascemos, pelas tênues frestas de nossos olhos abertos preguiçosamente, vislumbramos o mundo e suas formas. As pessoas, seus gestos e percepções, as coisas, os objetos são constituídos por palavras que dão forma ao mundo. Estas formas exprimem sentidos e se constroem sob concepções variadas. Se pensarmos, por exemplo, na arquitetura de algumas cidades, percebemos nítidas diferenças de um bairro a outro. O modo como a população habita em seus espaços privados e públicos determina como uma civilização pensa, sente e constrói a linguagem e os espaços. E este modo, por sua vez, em grande parte se constrói coletivamente. O coletivo é, portanto, responsável pelas formas que ele cria de sobrevivência na palavra, pela palavra e pela presença do homem em seu meio. Podemos imaginar como vivem as crianças e os jovens nas ilhas indonésias? E as que vivem nas ilhas do oceano Índico, como Zanzibar, ou às margens do lago da Suíça, ou ainda nas primitivas tribos das Américas? As formas que delas temos através da palavra, da observação, da percepção, educam, moldam nossos comportamentos.

Em qualquer lugar do mundo em que estejamos, as palavras sempre exprimem o belo, o grotesco, o cômico, o apaixonante, o triste, o efêmero e toda a variedade de sensações que nossos sentidos captam. A poesia continua a beleza do mundo, estetiza o mundo diz Bachelard. E embora ela seja um espírito fundamental ao poema, não se encontra nele somente. Ela poderá estar também na visão, no olfato, na audição, na comunicação que estabelecemos com o mundo, necessitando, porém, que permitamos aos nossos espíritos o espaço de pensar e sentir. Como disse Roland

Barthes, é preciso para isto, trapacear com a língua, ouvi-la em seu exterior. Esta trapaça salutar, esta esquiwa é que nos permitem ouvir a língua fora do poder. E sonhar um mundo de valor, pra valer.

A poesia é cúmplice, desde o começo, desse sentimento que se chama amor. Que também pode ser um sentimento de dor. Porque a palavra imprime sua marca no momento e no tempo exatos. Retirá-la ou acrescentar outras poderá significar todo um movimento de conquista, de reafirmação, de convencimento, de laços, ou poderá significar fragilidade, retalhos, dizer inútil, desarranjo, equívoco irre recuperável. Não há arbitragem que possa discutir ou desconfiar do placar da palavra; uma vez pronunciada crava para sempre na p(e)lessemia enunciada o tecido de sua imagem.

Para Bachelar as palavras possuem sexo. As vogais são os sexos das palavras. De fato, quanta sutileza há na qualidade sonora das vogais cunhando síncope com as consoantes. Elas são como um glacê que pulveriza ou torna rarefeita a conjunção rítmica da palavra. Orifícios por onde habitam gineceus, seres femininos íntimos, cadeias e rede musicais. Palavras femininas e suas unidades mínimas parecem compartilhar suas moradas com tamanha harmonia, sua constituição, sua matéria, seu tempo de ser palavra, no berço onde nasce como língua, como poesia, como sexo, como dádiva. Poderia a paixão habitar este quadrante?